

Notas sobre a formação das primeiras mulheres na Academia da Força Aérea

Emilia Emi Takahashi, Dra.

Docente de Psicologia –AFA

Pesquisadora Associada do Núcleo de Psicologia Política -PUC/SP.

No aviso ministerial nº 006/GM3/024 de 05 de maio de 1995, em que determinou a realização de estudos para que fosse permitida a inscrição e a matrícula de mulheres no Curso de Formação de Intendência na AFA, o então ministro da Aeronáutica Mauro Gandra, expressou claramente os aspectos considerados para a abertura do curso às mulheres: o mandamento constitucional de que homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades; o fato de que a mulher vem aumentando sua representação na sociedade - devido à maior participação no exercício de atividades econômicas e administrativas e o aproveitamento da mulher no desempenho de papel cada vez mais significativo na Aeronáutica.

Estas considerações apontam a crescente participação social das mulheres como o motivo principal da abertura de um curso de formação de oficiais das Forças Armadas para mulheres, enfatizando sua atuação nas atividades econômicas e administrativas. Por um lado, a entrada de mulheres na Academia da Força Aérea, no Curso de Formação de Oficiais Intendentes – CFOInt – em 1996, provocou algumas transformações anteriormente impensáveis, principalmente em termos de equivalência ou mesmo de relações de superioridade hierárquica entre mulheres e homens, por outro lado, há que se considerar que estas transformações ocorreram concomitantemente aos vários obstáculos decorrentes da tradição masculina que permeia as instituições militares, traduzidos principalmente na forma de procedimentos que reforçam a divisão tradicional dos papéis sexuais e impingem à mulher uma limitação em sua participação social.

Inspirados nos estudos pioneiros de Celso Castro (1990) sobre a formação do espírito militar e de Maria Celina D’Araújo sobre os impactos da participação feminina na caserna (2000), destacamos os principais aspectos que marcaram a chegada e a formação das primeiras cadetes na Academia da Força Aérea neste paper, com base em uma ampla pesquisa de doutorado.

Em 1996, no início do ano letivo, o Corpo de Cadetes da Aeronáutica possuía um efetivo de 534 cadetes, sendo 358 aviadores, 127 intendentes e 49 infantess. Matriculadas no curso de Intendência do primeiro ano, as mulheres constituíam aproximadamente 3% do total do efetivo do Corpo, considerando o 1º esquadrão, elas totalizavam 8,5% do número de novatos e finalmente, dentro da turma de Intendência do 1º ano, elas constituíam aproximadamente 37% do total de cadetes intendentes.

Em sua maioria, as cadetes eram oriundas das metrópoles urbanas, principalmente do Rio de Janeiro (como a maioria do total de cadetes), sendo que um número bem reduzido delas, em torno de 10% não vinha de capitais dos estados, mas vinham de cidades do interior de São Paulo como São José dos Campos e Guaratinguetá que possuem instituições de ensino vinculadas à Aeronáutica.

A admissão das mulheres gerou novos regulamentos e procedimentos na Academia que foram passados aos cadetes através dos “Boletins Doutrinários”, Informativos e “Normas Padrão de Ação” que, dentre outras informações, determinavam:

- padronização do uso de adornos, maquiagem, roupas íntimas e do corte de unhas das cadetes da Aeronáutica: *uso de apenas um colar ou corrente de uma volta apenas, com espessura máxima de 5 mm, de uma pulseira apenas com as mesmas características do colar a ser usada no mesmo braço do relógio, relógio totalmente preto ou prateado, em tamanho discreto, um par de brincos*

pequenos e discretos, sem argolas ou pingentes, uma aliança prateada ou dourada, maquiagem em tons claros e utilizada com moderação, roupas íntimas utilizadas com o fardamento brancas ou da cor da pele a fim de evitar transparências e unhas com o comprimento máximo limitado às pontas dos dedos, se pintadas, o esmalte deve ser de cor clara ou transparente(Boletim Doutrinário n°016 de 12/abril/96);

- manifestação, comunicação de efetivação e/ou rompimento de relacionamento afetivo no interior de organizações militares: *o relacionamento entre cadetes de sexos opostos não é proibido no âmbito da AFA, todos os casos de efetivação ou rompimento de relacionamento afetivo, incluindo pelo menos um(a) cadete em formação, sendo a outra parte do efetivo da AFA, deverão ser comunicados, verbalmente, ao Comando do seu Esquadrão, é proibido aos(às) cadetes da AFA, manifestarem comportamentos como andar de mãos dadas, beijos, abraços, apertos de mão prolongados, permanecer mais próximo que a distância de um braço estendido durante conversas, troca de olhares prolongados, enquanto no interior de Organizações Militares e/ou uniformizado (B.D. n°015 de 28/março/1996) ;*

- conduta em relação ao acesso a alojamentos: *é proibido o acesso de cadetes a alojamentos ou apartamentos de cadetes do sexo oposto. Tal acesso só é permitido em caso de revistas autorizadas pelo Comando do Esquadrão a ser revistado, ou em casos de emergência (Boletim Doutrinário n°017 de 29/abril/1996);*

- conduta nos ônibus da Sociedade dos Cadetes da Aeronáutica (SCAer) ou em representações: *a conduta social do Cadete da Aeronáutica no interior de viaturas militares, nos ônibus fretados pela SCAer ou quando em representação deve atender aos bons costumes e ao decoro;...é proibido o uso de chinelos, "shorts", bermudas, saias acima dos joelhos, camisetas sem mangas, minibusas ou "top". Deve ser evitado o uso de calças excessivamente justa (B.D. n° 029 de 03/nov/97).*

O discurso oficial dos militares apresentado por meio dos novos procedimentos e normas denotava uma posição paternalista inicial em relação às cadetes, na fala de um oficial:

Desde o início houve mudança porque a gente estava acostumado a lidar com o pessoal assim, a gente deixava no alojamento e eles se viravam, mas por serem mulheres, os pais traziam as candidatas, a família trazia. Os homens geralmente se viravam mas as mulheres geralmente vinham com o pai, com a mãe e a gente tinha que transmitir aos pais a tranqüilidade de que elas iriam ficar num lugar seguro, tranqüilo. A gente percebia que os pais deixavam as filhas aqui e iam embora desconfiados, receosos, então a nossa responsabilidade em relação à segurança dessas meninas era enorme.

O discurso paternalista não foi unânime entre os oficiais, alguns se manifestaram contrários à admissão das mulheres por várias razões, quase todas baseadas na idéia da fragilidade feminina, dentre elas, eles criticavam a falta de um estudo mais aprofundado sobre a inserção de mulheres nas Forças Armadas mundiais; os casos de assédio sexual que vinham ocorrendo nos EUA envolvendo mulheres militares; o enfraquecimento da Força devido à emotividade feminina; a perda de credibilidade frente às outras Forças, etc.

A idéia de “excluir para proteger”¹ acabou muito difundida e foi mal recebida pelo os cadetes que já se encontravam na Academia, a maioria destes cadetes considerava de forma negativa a admissão das mulheres e não se intimidaram em demonstrar abertamente suas insatisfações. Entretanto, as primeiras manifestações da

¹ Este termo é utilizado por Maria Celina D’Araújo para se referir ao efeito perverso daquilo que a primeira vista parece proteger as mulheres no ambiente militar – a exclusão em outro momento, especialmente, na progressão profissional. As mulheres que são “protegidas” e não fazem os mesmos exercícios que os homens, podem encontrar dificuldades quando da promoção, justamente por não possuírem cursos e atividades em seus currículos, ficando em situação de desvantagem.

maioria dos cadetes mais antigos com relação à chegada das mulheres foram de extrema curiosidade em compartilhar a intensa rotina diária, sendo que no decorrer da convivência foram manifestando insatisfação e indisposição para com a presença delas, enfatizando possíveis prejuízos que a participação feminina na Academia representava para a Força Aérea.

As primeiras cadetes enfrentaram um início difícil, elas relatam nas entrevistas que pensavam que “todas” as pessoas (homens) do Corpo de Cadetes queriam vê-las longe dali, porque elas representavam uma “ameaça” ao militarismo, elas seriam a causa da suspensão de alguns “privilégios” dos cadetes (falar “palavrão”, “assistir vídeos eróticos” longe dos olhos dos oficiais, entre outros) e da desunião do Corpo, visto que seriam protegidas e “acochambradas” pelos oficiais e cadetes da Cadeia de Comando que as tratariam de forma diferenciada e privilegiada, contrariando o princípio de hierarquia – fundamental à profissão militar.

O pioneirismo na maioria das vezes exige uma cota de sacrifício alta e com as cadetes da Academia não foi diferente, vejamos nas falas de algumas delas, como foi a chegada na Academia:

...muitos cadetes mais antigos vieram fazer a cabeça do pessoal da nossa turma no sentido de que : - ah, elas estão invadindo a nossa praia, então a gente tá perdendo muito do que a gente tinha aqui dentro em função delas. Não vai mais ter sauna no ginásio por causa delas, a gente não vai mais poder ver mais filmes pornográficos por causa delas, a gente não vai poder botar figurinha de mulher pelada no computador porque tem mulher aqui, e a gente tem que ter cuidado com o que a gente fala, não pode mais falar palavrão porque tem mulher aqui... E puseram muitas regras pra eles realmente, mas acho que nada que fosse fora de normalidade ou que fosse impedido de viver, não era nada essencial pra vida deles, pelo contrário, coisas totalmente desnecessárias. Muitos se revoltaram contra a gente por conta dessas pequenas regalias que eles tinham antes da gente chegar... O quarto ano da gente, quer dizer, o quarto ano que estava aqui quando a gente chegou tinha tido n reuniões para que tivessem mil cuidados com a gente, pra não fazer nada contra a gente, pra não falar palavrão, pra não ficar pegando, tocando... então quando a gente chegou, parecia que eles tinham até repulsa da gente porque a gente chegou com o rótulo de “chave de cadeia”, de que as cadetes eram chaves de cadeia. Se mexessem com a cadete era cadeia na certa, então esse rótulo foi pesado pra gente.

Tanto os cadetes quanto alguns oficiais faziam piadas sobre a presença das cadetes na Academia:

Quando a gente entrou aqui, teve muita discriminação também de oficiais, isso era uma coisa que desestimulava muito a gente, tinha piadinhas: - ah, vai prô tanque lavar roupa que lá é o seu lugar... E isso desestimulava totalmente a gente, tanto é que a gente falava que quando a gente saísse daqui e estivesse na rua e um homem passasse por mim e falasse - tanque! Ele vai levar um murro na cara! (risos) É uma coisa que tá tão assim fervendo dentro da gente, a gente já ouviu tanta coisa, tantas besteiras... A gente levou isso nas reuniões prá trabalhar, mas para os oficiais também é difícil porque foge do controle deles também.

Segundo os cadetes (homens) do esquadrão pioneiro, no início, todos pensavam que o comando queria proteger as mulheres, como eles ainda não tinham consciência das dificuldades que elas enfrentavam devido à constituição física diferenciada, entendiam que o fato de as mulheres executarem os exercícios físicos em posições diferentes das dos homens evidenciava um tratamento diferenciado. Eles não percebiam que “pagavam” muito mais do que outros esquadrões devido à postura do comando em não proteger para evitar uma discriminação maior em relação ao seu esquadrão. Dando ouvidos aos cadetes mais antigos (todos homens), eles atribuíam os “pagamentos” à presença das mulheres:

Com relação às meninas a gente sentia assim meio que, aquela coisa, às vezes a gente pagava, às vezes elas pagavam de maneira diferente, eu não entendia que era por causa da fisiologia delas e os cadetes do segundo (ano) tinham um recalque da nossa turma e eu não tiro a razão deles porque a nossa turma talvez tenha sido mais protegida ali pelo comando, não que não

pagássemos, pagávamos até muito mais ali do que eles disseram que pagaram no primeiro ano, nosso comando nunca refrescou os corretivos, mas eles (os cadetes do segundo ano) tinham um certo recalque ali por achar que a nossa turma era um pouco protegida por causa das mulheres, e eu acho que (elas) tinham que ser realmente mais protegidas porque era uma coisa nova e se eu fosse comandante eu não largaria elas na mão de qualquer cadete do quarto ano sem experiência nenhuma de comando pra tomar conta de uma turma que tinha mulheres, eu não saberia o que poderia acontecer... mas nosso comando foi duro com todos e elas pagavam junto.

As cadetes pioneiras sofreram pressões devido às diferenças na constituição física que fazia com que elas realizassem os exercícios de forma diferenciada, o que era interpretado como protecionismo pelos companheiros de turma:

... a discriminação tava na cara, e a gente via, a gente sofreu muito com a nossa turma também porque os meninos com a gente, a vivia em choque, né?... porque eles acabavam achando que a gente tava sendo acochambrada, entendeu? Porque não tinha aquela maturidade, a gente pagava flexão de 6 pontos (mãos, joelhos e pés tocando o solo), com o joelho no chão e eles não, eles pagam com 4 pontos (mãos e pés tocando o solo). E eles não entendiam, achavam que a gente tava sendo acochambrada... e tem todo um estudo falando que o organismo da mulher é diferente do do homem, então, o esforço que a gente faz fazendo flexão com o joelho no chão é semelhante ao que eles fazem fazendo flexão sem joelho. Eles não entendiam, tanto é que depois houve uma série de trabalhos do comando que foram atrás disso, para conscientizar os garotos sobre essas coisas, as diferenças entre os organismos. Mas no início a nossa turma sofreu bastante com isso.

Passado o susto inicial no decorrer do primeiro ano, as cadetes começaram a acreditar, como os homens, que o comando do esquadrão queria protegê-las em vista de tantas reuniões, entretanto, suas falas denotam que estes procedimentos, longe de serem algo “protecionista” se revelavam necessários em vista do próprio pioneirismo, da novidade que elas representavam aos olhos dos cadetes e até mesmo do próprio comando, que estava lidando com um fato inédito:

No começo a gente achava que o comando tentava super proteger a gente, porque eles chamavam a gente demais, a gente saía de forma demais pra ir em muitas “reuniõezinhas” a parte e isso deixava os meninos cabreiros porque eles continuavam em forma. Falavam que o major era o nosso “papaizinho”. E o comando chamava a gente pra tratar de questões tipo: “- se alguém estiver menstruada no acampamento, os instrutores devem ser informados pra que se ela precisasse trocar o absorvente, ela poderia sair no meio da instrução pra trocar e voltar pra instrução”. Ou então coisas do tipo: “- o que vocês estão achando do novo modelo de sapato?” Ou “- a gente vai escolher um boné pra vocês, qual é que vocês preferem o da Marinha ou o da polícia, porquê? Vamos juntar os dois e fazer um outro?” Tinha uma tenente psicóloga que fazia um trabalho de grupo com a gente, pra gente se entrosar com o grupo, pra não sentirmos tanto o preconceito e o machismo... o fato de a gente ter que se adaptar sempre, porque pioneiro é sempre cobaia, e por mais que pareça banal não é, tipo:” - corta o cabelo mais curto, sapato de mulher, sapato de homem...” são pequenas coisas que acabam desgastando. O primeiro sapato que pagaram pra gente era muito frágil e como o primeiro ano só corre, pra baixo e pra cima o dia inteiro e paga flexão aqui, não sei o quê, o sapato em um mês, a sola dele desfez, aí pagaram outro sapato feminino pra gente, aí em pouco tempo a sola dele desgastou de um lado dependendo do tipo de pisada da pessoa e a gente ficava descompensada em forma, o sapato não brilhava, destoava do dos meninos e a gente vivia levando bronca por causa do sapato, falavam que era mal engraxado mas na verdade era o couro que era diferente e não aceitava a graxa. Apertava o pé, e no primeiro ano a gente ficava uma hora em forma tranqüilamente, então o salto incomodava, e virava e mexia tinha garota torcendo o pé por causa do salto. Aí colocavam o boot (coturno) na gente, aí ficava a gente de boot e sétimo, coisa horrorosa (sétimo é o uniforme azul de camisa curta), aí daí a pouco voltava o sapato, até que no segundo ano a gente recebeu um sapato com um salto maior ainda e aí não ia dar certo e a gente resolveu sugerir o sapato masculino. Aí eles relutaram um pouco mas acabaram permitindo. Então são desgastes pequenos mas que aconteceram muito... Não era proteção não, a gente era cobaia.

As novidades para uma academia militar acostumada a lidar somente com homens eram muitas e os cadetes mais antigos, que exerciam liderança, ficavam sem

ação diante da novidade em se trabalhar com mulheres, que por outro lado, também vivenciavam uma situação nova, como relata uma cadete:

Uma vez eu tava indo pra educação física e a gente deslocava correndo e eu senti que eu tinha ficado menstruada e eu ficava chamando o comandante da tropa e ele não me atendia, aí eu saí de forma e fui atrás dele. Falei: “- cadete, eu preciso ir ao banheiro”. “Porquê?” “Ah, cadete, aconteceu um “negócio” e eu tenho que ir ao banheiro”. E ele: “-vai lá no ginásio” (de educação física). E eu : “-não, eu preciso ir no alojamento”. “Ah, mas porquê que tem que ser no alojamento?” E ele ficou insistindo muito, sugerindo que era alguma “frescura”. Aí eu falei: “- cadete, eu acabei de menstruar!” Aí ele ficou vermelho, sem graça e falou: “- pô, vai lá, vai lá, desculpa. Pôxa, mas você não precisava ter falado assim também, se você tivesse me pedido”. Pôxa, eu pensei: “- eu sou primeiro e ele é quarto ano, eu não vou ponderar (sobre o que ele diz)”. Mas ele insistiu e eu não tinha mais o que dizer pra ele me deixar ir pro alojamento. Então tinha também todo um constrangimento das meninas em falar porque só tinha homem aqui, e pra eles entenderem que é super normal pras mulheres menstruar? E que tinha algumas que sentiam muitas cólicas, tinham tensão pré menstrual, e desmaiavam em forma e eles achavam que era frescura e um milhão de coisas que eles nunca sentiram.

Entre outras situações novas, a chegada das mulheres provocou uma revolução na Academia em termos de relacionamento afetivo entre cadetes mais antigos e mais modernos. As possibilidades e as conseqüências destes relacionamentos sempre foram motivo de preocupação para os oficiais que temiam a quebra da hierarquia e da disciplina entre os diferentes esquadrões e tentavam colocar este tema em debate sempre que surgia uma oportunidade. O tema não foi discutido apenas entre as mulheres ou os cadetes do 1º ano, mas também entre todos os comandos e cadetes dos quatro esquadrões, todos estavam orientados a seguirem as novas regras de conduta no caso de um envolvimento afetivo entre cadetes homens e mulheres.

Os cadetes da primeira turma mista não aprovavam o relacionamento entre cadetes mais antigos e suas companheiras de turma, para eles, a namorada era sempre “acochamburada” pelo namorado e pelos companheiros deste, vejamos o relato de um cadete:

No começo éramos dois grupos distintos de homens e mulheres, ainda teve relacionamento afetivo, então na nossa cabeça a liderança ia privilegiá-las . E alguns casos que aconteciam no nosso dia-a-dia eram citados pelos namorados e eles acabavam dando corretivo pra gente. Algumas (cadetes) levavam coisas nossas pros namorados que queriam resolver por elas, não todas, e as que falavam também talvez falassem em intenção nenhuma, mas isso tinha conseqüências pra nós, homens.

O relato de uma cadete que namorou um cadete mais antigo no primeiro ano apresenta um outro lado da mesma questão, o relacionamento afetivo entre cadetes mais antigos e cadetes mais modernas que colocava todas as cadetes no mesmo patamar daquela que teria sido “pega no erro” pelos companheiros da turma:

As coisas mais legais do primeiro ano foram o pqd (salto de pára-quedas) e os exercícios. Não foi legal quando eu comecei a namorar o meu (agora) noivo que era da liderança do 4º ano, aí eles começaram a falar que acochamburavam a gente, que cortavam os nossos corretivos pra proteger a gente. Naquele tempo, do primeiro para o quarto ano era uma distância muito grande, muito mais do que hoje e começaram a falar muito da gente que a gente era protegida, todas que namoravam cadetes, mesmo as que não faziam nada de errado.

Segundo a maioria das cadetes da primeira turma mista, “tudo” que dava errado no esquadrão era “culpa” delas:

Mas o nosso primeiro ano foi difícil porque a gente era mais moderna e tudo o que acontecia de errado a culpa era nossa, aí começou um preconceito dentro do esquadrão porque os mais antigos inculciam isso na cabeça dos meninos da nossa turma, então tudo o que o major proibia, era culpa das meninas.

A saída encontrada pela maioria das primeiras cadetes para serem reconhecidas como cadetes e não como mulheres ou “protegidas” foi um esforço sem medida para conseguir acompanhar os homens em todas as atividades, inclusive nos exercícios físicos, o que rendeu-lhes sacrifícios na fala de um oficial:

Aqui (na Academia) a recuperação (física) do homem é mais rápida do que a da mulher. Porquê? Porque a mulher vai levando, levando, ela aqui tenta suportar mais a dor. A gente pergunta: - fulana, tá doendo? Tá, mas ela continua fazendo. Quando ela pára, é porque não dá mais. O rapaz não: - ah, tá doendo o meu joelho, eu vou sair de forma, vou na enfermaria”. Dois dias depois, um anti-inflamatório, uma fisioterapia, um banho de água quente aí já passou. A menina não, ela tinha que “baixar”(ficar fora das atividades) porque não conseguia andar mais. É aquela vontade de querer fazer, de suportar mais a dor, aí se quebram mesmo. Pô, caramba, a mulher (cadetes) aqui a gente tem que dar uma segurada, então temos que estar mais atentos a isso, então a gente ia “tirando o motor”: - Fulana, tira o motor que você está passando mal! “não, eu tô bem, quero continuar!” Fulana, pára de correr que você tá mancando muito, caminha! “Não, eu tenho que correr!” Tinha que mandar parar! O rapaz não, ele pára quando sente a dor.

As cadetes também falam de um processo de “embrutecimento” inicial que elas passaram para provarem que podiam estar aqui e da união entre as mulheres para suportar a pressão contrária à sua presença na Academia:

Porque bem ou mal a gente passou pela questão do embrutecimento para provar que éramos tão capazes quanto os garotos... Então quando a gente se deu conta disso, no ano passado (3º ano), quando a gente percebeu esse embrutecimento, a gente começou a trabalhar para recuperar a nossa identidade (feminina), a fazer unha, a se depilar, que era uma coisa que a gente tinha deixado completamente de lado no primeiro e no segundo ano. Porque quando chegamos aqui eles não davam tempo pra nada, era o tempo todo correndo, e a gente querendo provar que éramos capazes. Quando percebemos isso, começamos a nos ajudar para recuperar nossa auto-estima como mulheres, aí, pra sair à noite, uma maquiava a outra, uma penteava o cabelo da outra: - se arruma assim, não sei o quê... vamos lá, bota uma sainha, mesmo que seja no joelho. Ainda hoje a gente tenta se estimular para recuperarmos do embrutecimento que a gente teve que viver para provar que podemos ser cadetes mas também podemos ser mulheres.

Outra cadete pioneira propôs a união das mulheres para superar a discriminação e lutar pelo espaço da mulher na Academia:

A mulher para estar aqui é um desafio, eu acho que a gente tem que se unir e brigar para conquistar o nosso espaço aqui dentro e mostrar que a gente é capaz de fazer também como os homens fazem, a gente é capaz também de fazer, né? Sem protecionismo, a gente tem que se unir e brigar pelo nosso espaço aqui dentro.

O mal estar inicial que a presença das mulheres causou só foi sendo diluindo à medida em que novas turmas de mulheres foram incorporadas à Academia e as mulheres começaram a se destacar militar e intelectualmente.

No decorrer dos primeiros quatro anos da participação feminina houve uma elevação acentuada das médias obtidas junto à Divisão de Ensino dos cadetes do curso de Intendência e o discurso oficial dos militares reconhece o desempenho "positivo" do grupo feminino ao final de quatro anos de acompanhamento:

Em relação à melhora de qualidade no preparo profissional-

O acompanhamento dos grupos mistos nas atividades acadêmicas revelou que, inicialmente, as cadetes destacavam-se em todos os envoltimentos na Divisão de Ensino: participação nas aulas, demonstração de interesse, criatividade e seriedade. Com o passar dos meses, os cadetes adotaram condutas semelhantes. Como resultado, houve uma elevação no nível desses grupos com conseqüente melhora de qualidade no preparo profissional.

Nota-se, com isso, que os cadetes foram alavancados pelo comportamento de suas companheiras de curso, evitando uma condição de desvantagem... houve uma mudança de comportamento dos cadetes dos Cursos de Formação de Oficiais, mais evidente no CFOInt, com elevação da qualidade individual e grupal, melhora de atitude diante de assuntos profissionais e

uma postura de melhor entendimento, aceitação e maior respeito com relação à mulher no campo profissional... Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino - Relatório Final, março de 2000, p. 9

Em relação ao desempenho no comando (especificamente sobre o exercício de campanha)-

Diversas jovens demonstraram possuir uma ascendência sobre os grupos que lideraram, obtendo deles o respeito e cooperação. O mesmo ocorreu com os jovens, mas as cadetes apresentaram um maior nível de exigência individual e grupal. Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino - Relatório Final, março de 2000, p. 10

Em relação à aceitação maior do segmento feminino pelos cadetes-

... após quatro anos de implantação, com a realização de vários ajustes à rotina acadêmica, podemos observar que os cadetes e as cadetes já se entendem bem melhor que no início do processo, com maior compreensão das características individuais e maior apoio mútuo. Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino - Relatório Final, março de 2000, p. 18

Com relação à perspectiva futura da participação das mulheres alguns oficiais são bastante otimistas-

eu tenho uma opinião muito positiva, tenho muito respeito e isso já vem lá de casa, acho que tenho bons exemplos de mulheres determinadas... E eu também tenho visto o desempenho das cadetes, a forma como elas são responsáveis, elas atingem um nível muito bom aqui e é uma grande esperança que a gente tem aí de reforçar a Intendência que é uma Arma super importante pra gente. Eu acho esse apoio muito bom em todos os sentidos. Quanto aos outros Quadros, eu acredito que, na Infantaria, ainda a gente deveria manter sem as meninas porque realmente é um curso mais puxado, requer muito da parte física. A parte da Aviação eu acredito que as mulheres... bom, nós temos o exemplo da cadete X que é instrutora de vôo a vela, eu acredito que não haveria problemas de adaptação ao vôo, nesse ponto, há experiências de outros países.

As dificuldades ainda ocorrem, causadas por comportamentos preconceituosos isolados, que ocasionam mal estar no segmento feminino e reforçam comportamentos defensivos, entretanto, a elevação da qualidade na formação profissional conseqüente do esforço notável da maioria das cadetes das primeiras turmas foi o aspecto mais valorizado no discurso oficial acerca da inserção das mulheres no Curso de Formação de Oficiais Intendentes na Academia. Em 2003, contrariando expectativas negativas quanto à ampliação da participação feminina na Academia, as mulheres entraram para o Curso de Formação de Oficiais Aviadores, inaugurando uma nova fase de participação feminina neste segmento tradicionalmente masculino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. Aviso Ministerial nº 006/GM3/024 de 05 de maio de 1995.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. AFA. CCAER. Boletim Doutrinário nº 015 de 28/março/1996.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. AFA. CCAER. Boletim Doutrinário nº 017 de 29/abril/1996
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. AFA. CCAER. Boletim Doutrinário nº 029 de 03/nov/97
- BRASIL. MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA. AFA. Relatório Final da Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino, março de 2000.

CASTRO, Celso. *O Espírito Militar – Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

D´ARAÚJO, Maria Celina. *To protect and exclude: women and the Armed Forces in Brazil*. Paper apresentado no XI International Oral History Congress, Istambul, Turquia, jun/2000.

TAKAHASHI, Emilia E. *Homens e Mulheres em Campo – um estudo sobre a formação da identidade militar*. Campinas, UNICAMP, Faculdade de Educação, 2002 (Tese de Doutorado).